

De Teresinha de Jesus à Teresinha Queiroz: mutações do lugar social do feminino, entre a literatura e a história

From Terezinha de Jesus to Terezinha Queiróz: Transformations in the Social Position of Women, Between Literature and History

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: O texto toma a vida de Teresinha Queiroz – professora universitária brasileira – para, à luz da teoria da história, refletir sobre como chegamos a ser o que somos. A esse pretexto, aborda questões de gênero, história das mulheres e docência universitária, tudo como forma de homenagear a Teresinha Queiroz neste dossiê a ela dedicado.

Abstract: This text examines the life of Teresinha Queiroz—a Brazilian university professor—to reflect, through the lens of the theory of history, on how we have come to be who we are. In doing so, it addresses issues of gender, women's history, and university teaching, all as a way to pay tribute to Teresinha Queiroz in this dossier dedicated to her.

O que se esperava de uma mulher nascida em Esperantina? Qual esperança acompanhou a chegada daquelas carnes sexuadas com uma vagina? Qual o destino que se julgava estar traçado para ela? A espera e a esperança vinham acompanhadas de um projeto, ao mesmo tempo familiar e social. Havia um projeto de corpo para aquele ser nomeado de Teresinha de Jesus. O nome escolhido pelo casal Félix e Joaquina para nomear sua criança oferece algumas pistas sobre qual modelo de feminilidade eles almejavam que aquelas carnes viessem a incorporar, a dar corpo.¹ Na origem de seu nome estava Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face ou Teresa de Lisieux, uma freira carmelita descalça francesa, nascida em 1873, que morreu precocemente, aos vinte e quatro anos, vítima da tuberculose, e que vivenciara, em suas noites de febre, experiências místicas. Ela se tornou popular a partir de seus escritos autobiográficos reunidos sob o título *História de uma Alma*, publicado em 1898. Em 1923, Teresinha de Jesus

1. Todas as informações biográficas e acadêmicas acerca da professora Teresinha de Jesus Mesquita Queiróz advieram de três fontes: seu Currículo Lattes (https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?sessionId=F3598D40D8B50ED8B1EF96B7644EE4D5.buscatextual_0), o site Escavador (<https://www.escavador.com/sobre/7645351/teresinha-de-jesus-mesquita-queiroz>) e a página a ela dedicada no site da Academia Piauiense de Letras (<https://www.academiapiaiensedeletas.org.br/teresinha-de-jesus-mesquita-queiroz/>).

foi beatificada, sendo canonizada dois anos depois, tornando-se copadroeira da França, ao lado de Santa Joana D'arc. Em 1997, o Papa João Paulo II conferiu a Teresinha de Jesus o título de Doutora da Igreja, sendo apenas a terceira mulher a atingir esse status. Muitas esperas e muitas esperanças depositadas no nome de batismo daquela filha de Esperantina.²

Esperava-se da Teresinha de Jesus a pureza, a devoção cristã e católica, a encarnação dos valores religiosos figurados pela vida da freira santificada. Dificilmente seus pais almejavam a santidade da filha, nascida naquele ano de 1955, um ano após o suicídio do Presidente Vargas. Muito menos desejavam que ela fosse uma menina doente e que em noites de febre se encontrasse com Jesus em seus delírios. Talvez o destino que sonhavam para a sua Teresinha de Jesus fosse aquele prefigurado por uma cantiga popular, que bem pode, inclusive, ter embalado os momentos em que deveria dormir. A cantiga que falava de uma Teresinha de Jesus era de domínio público, de autor desconhecido, e entoada pelas crianças em muitas ocasiões, notadamente em brincadeiras de meninas. A cançãozinha, aparentemente, tão brejeira e inocente, ia traçando destinos para a vida das meninas, tivessem elas o nome de Teresinha de Jesus ou tivessem outra nomeação. Cantada, muitas vezes, por rodas formadas por crianças, batendo palmas e se movendo para um lado ou para o outro, a cançoneta dita folclórica participava, animadamente, da formação subjetiva das meninas. As futuras moças iam sendo educadas, iam sendo convencidas, iam sendo formadas para serem iguais a Teresinha de Jesus. Não sei se essa canção chegou a perseguir o cotidiano, as brincadeiras, a vida da Teresinha de Jesus nascida em Esperantina, mas tenho certeza de que ela conheceu essa página do folclore brasileiro, de que a cançoneta colocou diante dela o que poderia esperar da vida, quais deveriam ser as suas esperanças, o seu projeto de vida. Pois, na inocente canção traçava-se o roteiro, o destino, a trajetória que uma carne nomeada de fêmea e de feminina deveria seguir. A canção aparentemente tão despretensiosa fazia parte do sofisticado dispositivo da sexualidade, da produção da heteronormalidade, da fabricação da binaridade dos gêneros, da distribuição de lugares sociais para cada corpo ocupar, conforme a genitalidade que possui.³

A canção fala de uma Teresinha de Jesus vivendo um momento de fragilidade. Um acidente coloca essa mulher no lugar de dependente e de um ser vulnerável que precisa ser socorrido e amparado pelos homens. Teresinha de Jesus não sabia resolver por si mesma seus problemas, era preciso que um braço masculino viesse em seu socorro. Teresinha de Jesus levava uma queda, e socialmente tudo que uma mulher não deveria desejar era cair, ser uma decaída. Para evitar a queda, todas as Teresinhas de Jesus deveriam, como fez a preclara freira, se entregando a Jesus, se entregarem aos cuidados de um ser masculino. A mulher em situação difícil foi, no entanto, imediatamente socorrida por três cavalheiros. O cavalheirismo masculino deveria ser demonstrado nesse momento em que o frágil ser feminino necessitava de ajuda, em que o ser feminino necessitava atravessar algum obstáculo, nem que fosse uma simples poça de lama. O cavalheiro seria aquele que daria a mão, que emprestaria seus braços fortes para soerguer um ser feminino em queda. As mulheres, por seu turno, para não levarem tombos, pela vida a fora, deveriam estar sustentadas pela força e pela presença dominadora de um ser masculino. A gentileza dos cavalheiros era simbolizada pelos chapéus que traziam nas

2. Santa Teresinha do Menino Jesus. *História de uma alma*. São Paulo: Loyola, 1996.

3. Para a noção de dispositivo da sexualidade consultar: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2020. Para a noção de heteronormalidade ver: WARNER, Michael. *Fear of queer planet: queer politics and social theory*. Minneapolis: University Minnesota Press, 1993.

mãos, num gesto de deferência, diante daquele ser feminino aterrado e aterrorizado pela queda accidental. A única queda admitida para as mulheres, era a queda accidental. Elas deveriam evitar escorregar em suas vidas, derrapar em seus comportamentos, cometer deslizes em suas condutas. A mulher, para se manter de pé, deveria contar com a companhia de um homem, ao longo de toda sua existência.

Essa canção costumava acompanhar uma brincadeira infantil nomeada de passa o anel ou passa as alianças.⁴ Ela claramente remetia ao casamento como projeto e destino reservado para a vida de meninas e meninos. Ao mesmo tempo, ela definia e distribuía os papéis, os lugares e posições de sujeitos que cada um ia ocupar no futuro, dependendo da identidade de sexo e gênero que tivesse seu corpo. Muitas vezes, a brincadeira do anel permitia que interesses afetivos e sexuais infantis se manifestassem. A Teresinha de Jesus podia se interessar pelo pequeno cavalheiro que deixava sua mão demorar mais um pouco em meio as suas ao passar o anel. Os olhos podiam se encontrar e falar de coisas ainda não ditas, no momento fugaz em que o cavalheiro se postava na frente da dama para passar o anel. Quem estava passando o anel, fosse menina ou menino, podia escolher a pessoa em quem estava interessada para deixar com ela o anel ou a aliança. O jogo implicava uma espécie de pedido de casamento ou de escolha romântica simbólica. Quem era escolhido para ficar com anel podia considerar que houvera, nesse gesto, alguma sinalização de uma escolha afetiva ou romântica. A brincadeira, sem dúvida, guarda a intenção de forjar nas crianças o desejo pela nupcialidade, o desejo de formação de pares românticos, a ser legitimado pela realização do matrimônio, pelo gesto de colocar um anel no dedo, de celebrar uma aliança. A canção, associada ao jogo infantil, define destinos para as meninas nascidas Teresinha de Jesus ou Teresinha de Jesus, sejam elas esperantinenses ou esperancense, tragam no nome um s ou um z.⁵ A vida da menina deveria seguir um roteiro, no qual ela passaria, como se fosse um anel, das mãos de um homem para outro homem:

Teresinha de Jesus
De uma queda, foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Todos os três, chapéu na mão
O primeiro foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão
Teresinha levantou-se
Levantou-se lá do chão
E sorrindo disse ao noivo
Eu te dou meu coração
Da laranja, quero um gomo
Do limão, quero um pedaço
Da morena mais bonita
Quero um beijo e um abraço.⁶

4. RABELO, Vitória. *Jogos folclóricos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

5. Referência ao gentílico dos nascidos nas cidades de Esperantina (PI) e Esperança (PB).

6. <https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/984009/>.

A Teresinha de Jesus, filha de Esperantina, também era morena e bonita, despertando desejos de beijos e abraços, nas brincadeiras de passa o anel, designação com claro duplo sentido, que na inocência infantil passaria despercebido. Ela que tinha o anel sob a guarda de seu Félix, deveria repassar essa guarda para um irmão, caso seu pai viesse a falecer. Tanto o pai, quanto o irmão, deveriam ser guardiões dessa joia a ser finalmente colocada sob a responsabilidade do futuro esposo. No dia do casamento, pai e irmãos presentes, veriam esse anel, essa aliança, ser enfiada no dedo do noivo, daquele a quem a Tereza ou a Teresinha dera o coração. Começando por dar o coração e terminando por dar o anel, Teresinha de Jesus teria cumprido o seu destino e realizado o que seus pais esperavam, ela teria alcançado o horizonte que tanto esperançara. Destino que poderia ser tão azedo quanto o limão e tão acre quanto o gomo da laranja, entes presentes entre os quereres do sujeito da canção popular, não por coincidência, mesclados com os beijos e abraços da morena. Sujeito da canção que é masculino, que vê e conta a cena da queda de Teresinha de Jesus do ponto de vista dos homens. A Teresinha sorridente ao ser levantada, ao ser resgatada do chão, ao ser retirada da situação de queda pelas mãos do homem que já se revela seu noivo. A mensagem subliminar, a ser subjetivada pelas meninas, a ser alojada no consciente e no inconsciente das futuras mulheres, é que sem um braço masculino para as soerguer, sem dar as mãos a um homem, sem entregar seu anel a pessoa certa, poderia advir a queda e, nesse momento, não ter nenhum homem para lhe dar proteção. Os meninos, cantando essa canção e brincando de passar o anel iam aprendendo, por seu turno, que a eles cabia a proteção das mulheres, a eles cabia zelar pelo anel feminino, cuidar dessa joia rara e delicada que seria a honra de uma mulher. Eles iam subjetivando que as mulheres, assim como o gomo da laranja e o pedaço de limão, lhes pertenciam, bastavam seu desejo, seu querer. Eram eles que deveriam ser senhores da situação, estar no comando, tanto nos momentos de dificuldades, como nos momentos de atendimento de seus desejos.

Mas Teresinha de Jesus, após fazer seus estudos primários em Esperantina, chegou à conclusão de que se ali continuasse não haveria muita esperança para ela. Tentando fugir do destino traçado pela brincadeira de infância e pela espera e esperança familiar e social, Teresinha resolveu ir ao encontro de Teresina. Teresinha foi em busca do verão e da colheita que prometia a origem grega de seu nome (*thera*).⁷ Em Teresina foi em busca de calor – e que calor! –, vitalidade e abundância de vida. Foi em busca de prosperidade e alegria de viver, para além do que estava traçado no berço e na benção paternas e patriarcais. Teresinha de Jesus resolveu se dedicar às letras, resolveu estudar, resolveu se levantar com suas próprias mãos. Teresinha de Jesus resolveu não recorrer a nenhum homem para sustentar sua existência, para levá-la pela mão. Moça dos tempos do feminismo, adolescente da geração rebelde dos anos sessenta, Teresinha de Jesus decidiu que entregaria suas mãos ao desejo de escritura, que entregaria sua voz e seu corpo à docência e à ciência, havendo nisso muita decência. No início dos anos setenta, em pleno recrudescimento da ditadura militar, ela resolve cursar a Licenciatura Plena em História, na Universidade Federal do Piauí, fazendo um percurso e indo ocupar um lugar, que não era comum para as Teresinhas de Jesus como ela. Esperantina passou a vida toda esperando que sua filha voltasse para cumprir seu destino de Teresinha de Jesus, mas o encontro com Teresina foi definitivo e frustrou a esperança de sua gente.

Teresina, a universidade, o estudo da história, a vida distante de sua terra e de sua família, fez nascer uma outra Teresinha. A Teresinha de Jesus da canção sofreu uma mutação, uma

7. *Pequeno dicionário de nomes próprios e seus significados*. São Paulo: Ert, 2000, p. 136.

metamorfose, transformando-se apenas em Teresinha, a professora, a escritora, a intelectual que iria ser a matriarca de muitas gerações de historiadores piauienses. Em 1977, nasce uma outra Teresinha, não só porque a menina de Esperantina, agora com vinte e dois anos, adulta, recebe seu diploma de graduação, mas porque um compositor genial da música brasileira resolve fazer uma outra versão para a canção infantil que, possivelmente também cantara quando criança, passando e repassando o anel, gesto não muito adequado para um menino realizar. No mesmo ano em que Teresinha de Jesus se torna historiadora, Chico Buarque de Holanda compõe, para fazer parte da *Ópera do Malandro*, a canção Teresinha, com s como a formanda em História. Nela ele parodia a cançoneta folclórica apresentando uma Teresinha que recebe a visita de três homens, com dois deles trazendo distintas oferendas para presentear-lá, ao mesmo tempo exigindo dela dados comportamentos, que ela atendesse certas expectativas. Essa Teresinha, no entanto, em época de feminismos militantes, de resistência política a ditadura civil e militar e ao patriarcado, se assusta com as propostas que recebe e tem a coragem de dizer não. Assim como Teresinha de Jesus dissera não para o destino traçado para sua vida em Esperantina, a Teresinha da canção buarquiana diz não tanto para o homem que não lhe negava nada, quanto para aquele que não lhe entregava nada.

A Teresinha buarquiana não embarcava na ilusão do amor romântico, representada pelo primeiro pretendente que lhe apareceu. Ela não se deixou enganar pela performance do homem gentil, que presentearia com flores, que traz uma joia, em busca de seu anel. Ela não se deixa impressionar pelas vantagens que ele conta, pelas aventuras e viagens que ele promete, pela joia que ele traz no pulso. Ela se assusta, sobretudo, porque ele a chamava de rainha e a ela nada negava. Embora estando desarmada, despreparada para aquele encontro, embora esse surpreendente aparecimento masculino tenha tocado seu coração, ela desconfiou que era muito bom para ser verdade. Ela, como a moça de Esperantina, já havia aprendido que promessas exigem pagamento. Que santo demais deve-se desconfiar até do milagre. O feminismo fez a crítica do amor romântico e das armadilhas que ele configura para a vida das mulheres.⁸ O homem devotado exige a santa, o devoto cobra o milagre. Da mulher colocada num altar, num pedestal, se cobra uma vida de muita piedade, sacrifício, renúncia, penação. Nossas Teresinhas sabiam que toda rosa possui espinhos, que junto com o buquê vem as cobranças e os dissabores. Ao mesmo tempo que o par romântico reserva à mulher o lugar de tributo, de adoração, exige dela que represente o papel ascético de quem não possui desejos, de quem não se atém aos reclames da carne. A mulher romântica é apenas coração, devendo ser coroada por ser a rainha do lar. A Teresinha buarquiana sabia qual o reinado que o primeiro pretendente a estava oferecendo. Trazendo mais do que um chapéu na mão, suas medidas e sua misancene lembrava a ela, possivelmente, o que vira acontecer entre seus pais e, assustada, recusou ocupar o mesmo lugar de sua mãe.

O primeiro me chegou
Como quem vem do florista
Trouxe um bicho de pelúcia
Trouxe um broche de ametista
Me contou suas viagens
E as vantagens que ele tinha

8. Para a crítica do dispositivo romântico e para as mutações do feminino vividas nos anos sessenta ver: ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: mutações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

Me mostrou o seu relógio
Me chamava de rainha

Me encontrou tão desarmada
Que tocou meu coração
Mas não me negava nada
E, assustada, eu disse: não.⁹

O segundo pretendente que lhe apareceu representava a masculinidade tóxica, aquela que almeja por uma mulher de malandro, que assumiria o que seria sua subordinação natural e se colocaria à mercê das vontades discricionárias de seu macho. Ele chegou vindo do bar, trazendo como oferenda um litro de aguardente, tão amarga de tragar quanto a proposta de vida que ele representava, para aquela mulher. Mulher que para ter um homem para chamar de seu, para ter alguém que lhe desse um nome e a sustentasse se submeteria a uma relação marcada por abusos, violências e humilhações. Um homem que já surgia em sua vida querendo tudo saber sobre seu passado, buscando encontrar nele qualquer evento, qualquer detalhe que pudesse ser objeto de chantagem, de cobrança em toda ocasião de conflito e de tensão. Estava em busca de um motivo para fazer dela uma mulher culpada, sabendo que a culpa ou a vergonha são poderosas armas de controle sobre o comportamento do outro, de domínio sobre a vontade do outro. Ele chega a cheirar a sua comida, como se estivesse farejando alguma coisa que pudesse representar um defeito, um senão, uma fraqueza para tê-la sob o seu tacão. Da mulher e esposa ideal cobravam-se, entre outras coisas, que soubesse cozinhar muito bem, que pudesse dar ao seu homem o melhor dos prazeres gustativos, em busca de seduzi-lo e segurá-lo pela boca. A atitude desse homem é de total desconfiança em relação ao feminino, se ele vasculha as suas gavetas é em busca de algo que confirme a sua suspeita, a suspeita misógina que recai sobre todas as mulheres: a de que ela era uma perdida. O homem machista aprende a nunca confiar nas mulheres, aprende que o feminino é traiçoeiro, tem parentesco, desde os tempos bíblicos, com a serpente ou com a aranha, na sua capacidade de enredamento e envenenamento.

O segundo me chegou
Como quem chegar do bar
Trouxe um litro de aguardente
Tão amarga de tragar
Indagou o meu passado
E cheirou minha comida
Vasculhou minha gaveta
Me chamava de perdida

Me encontrou tão desarmada
Que arranhou meu coração
Mas não me entregava nada
E, assustada, eu disse: não.¹⁰

9. <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45180/>.

10. <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45180/>.

A Teresinha buarquiiana, assim como aquela nascida em Esperantina, resolveu fugir desse tipo de homem, dessa proposta de relação. Ambas se recusaram a cuidar de um homem que nada ofereceria em troca, que tomaria a desconfiança e a violência simbólica como atestado de interesse e bem querer. Embora estivesse desarmada, estivesse tão aberta e disposta a entabular uma relação, que chegou a ter o coração arranhado por aquele encontro desagradável, logo compreendeu que dali não podia esperar nada e assustada disse mais uma vez: não. A Teresinha de Jesus piauiense preferiu seguir se qualificando academicamente, fortalecendo o seu lugar de mulher independente, mulher livre da necessidade de depender de um homem, ainda mais os que não oferecem nada, a não ser alcoolismo, ciúme, violência física e simbólica. Mesmo tendo concluído uma graduação em História, Teresinha de Jesus resolve cursar a graduação em Ciências Econômicas, num momento em que a historiografia brasileira era hegemonizada pelo materialismo histórico e o campo da história econômica era prevalecente. Essa escolha demonstra que Teresinha estava atenta com a configuração da área, naquele momento, mas que era também uma mulher politizada, uma mulher de esquerda. Ao mesmo tempo que opta por cursar uma pós-graduação, Teresinha passa mais seis anos de sua vida cursando uma outra graduação, talvez pelo fato de ter que sair do estado e da cidade onde morava, se quisesse ingressar em um mestrado, que ainda não existia no Piauí, e sendo uma mulher muito jovem, com compromissos familiares a cumprir, não tenha podido, naquele momento, se ausentar de sua terra e de sua família. Assustada ela disse não ao desterro, preferiu continuar seus estudos numa área afim que a interessava e que complementava sua formação como historiadora. Embora não podendo fazer tudo o que pretendia, ao dizer não para seus pretendentes, Teresinha de Jesus deve ter sido muito cobrada no sentido de assumir o papel tradicional que se espera de uma mulher. Deve ter sofrido pressões para assumir os papéis de esposa e de mãe, ter sido considerada uma mulher estranha, diferente, suspeita, arrogante, difícil, uma mulher que se achava o ó do borogodó por recusar os homens que vinham até ela com seus presentes e suas promessas.

A Teresinha buarquiiana se deixou seduzir, se fez mulher se entregando a um homem que nada ofereceu, nada perguntou, alguém que sequer ela sabia de onde tinha vindo. Ele surgiu do nada, de mãos vazias, não se interessando em saber nada a seu respeito. Nem sequer o nome dele ela sabia direito, mas entendeu, desde o primeiro momento, o que ele queria. Para essa Teresinha moderna, feminista, essa Teresinha descolada, sem grandes expectativas em relação aos homens, sem querer em um primeiro encontro já vislumbrar um casamento, o que contava era o desejo. Entre suas carnes e as carnes daquele anônimo uma atração emergiu, um território desejante começou a se esboçar, seus olhos brilharam, sua pele ficou mais viçosa, o sangue correu mais rápido nas veias. Para ela, isso era tudo o que importava, ela embarcou no fluxo do desejo, sem querer logo cortar esse fluxo e instaurar um território cristalizado de existência: o matrimônio heterocisnormativo. Ela deixou se levar pelo momento, fugindo da paranoia das identificações, das classificações, das nomeações, que aprisionam o desejo em caixinhas e faz ele girar num mesmo lugar. Ela não teve medo de afrontar o indefinido do desejo, do tempo, da história, ela deixou a vida lhe levar, ela disse sim para a linha de fuga da paixão e da libido. Entre a noivinha romântica e a mulher de malandro ela resolveu amar e desejar sem rótulos, sem nomes, sem esperas ou esperanças. Ela resolveu se abrir para o finito e indeterminado da vida, aproveitar o instante sem fazer cobranças de permanências ou eternidades. Ela embarcou na aventura de se deitar na cama e ser apenas uma mulher que se permitiu gozar

e amar sem perguntas e sem promessas. Aquele que chegou sorrateiro, antes que ela dissesse não, se instalou feito um posseiro, dentro do seu coração.

O terceiro me chegou
Como que chega do nada
Ele não me trouxe nada
Também nada perguntou
Não sei como ele se chama
Mas entendo o que ele quer
Se deitou na minha cama
E me chama de mulher

Foi chegando sorrateiro
E antes que eu dissesse não
Se instalou feito um posseiro
Dentro do meu coração.¹¹

O anonimato dessa paixão, dessa relação sexual e afetiva, impede que ela seja capturada pelo dispositivo da sexualidade familista. A atribuição do nome, o receber um nome era uma das estratégias de aprisionamento do corpo feminino. Teresinha de Jesus, a historiadora, nunca abriu mão de usar seu nome de batismo, continuando a ser uma Mesquita Queiroz durante toda a vida, decidida a não subordinar o seu nome ao nome de um marido. Construirá sua identidade de historiadora, desde o momento em que publica seus primeiros trabalhos sobre os homens de letras do Piauí, com seu nome de batismo. Será uma mulher a estudar os homens e como se constroem historicamente a notabilidade e a distinção masculinas, ao mesmo tempo que vai construindo seu nome feminino de destaque. Ao mesmo tempo em que cursava a graduação em economia, Teresinha ingressa no mestrado em História da Universidade Federal do Paraná, local para onde iam os estudantes e as estudantes interessadas no campo da história quantitativa, no uso dos métodos quantitativos. Era um momento, aquele ano de 1978, em que a historiografia buscava na matematização de seus procedimentos o que seria o alcance da cientificidade. Sua orientadora, Maria Cecília Westphalen, era uma historiadora que liderava esse processo de quantificação no âmbito da historiografia, e que apresentava o método quantitativo como aquele que iria garantir que a escrita da história ganhasse, ao se aproximar dos métodos das ciências ditas exatas, o status de ciência.¹² Da mata dos cocais para a mata dos pinheiros, a aventura de seis anos de mestrado (1978-1984), levou Teresinha de Jesus a se aproximar da economia da borracha de maniçoba, a se interrogar sobre sua participação na economia piauiense entre os anos de 1900 e 1920.¹³ A primeira Teresinha que nos chega na academia, ingressando como professora, no Departamento de Geografia e História, da Universidade Federal do Piauí, um ano após ingressar no curso de mestrado (1979), vem quase como economista, trazendo muita argúcia e minúcia, uma mulher idealista. Contou de suas viagens e das vantagens que ela tinha, pontual como um relógio, logo foi chamada de rainha.

11. <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45180/>.

12. FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *O auge da história: história do curso de História da Universidade Federal do Paraná*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

13. QUEIROZ, Teresinha. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí*. Teresina: Editora da UFPI, 1994.

A Teresinha de Jesus que se tornou doutora em História Social, pela Universidade de São Paulo, no ano de 1992, que começara o curso em 1987, é uma outra Teresinha. Nesse seu segundo aparecimento, a historiadora econômica, devotada a cachaça dos números, que vasculhava gavetas de arquivo, que indagava o passado em busca das cifras e estatísticas que seriam a síntese do processo que aí ocorreu, que fazia da economia a sua comida, que, muitas vezes, se sentia perdida em meio aos gráficos e tabelas, dá lugar à historiadora da vida intelectual, da cultura, do pensamento, da literatura. Em poucos anos, Teresinha de Jesus sofrera uma mutação, embarcou numa linha de fuga e foi capaz de simular um novo território acadêmico para habitar.¹⁴ Aquela mulher, aparentemente tão comportada, aquela dama de classe média, tão contida e certinha em seu modo de aparecer publicamente, se mostrou capaz de transformações subjetivas e intelectuais importantes. Tornando-se um farol da historiografia piauiense, os movimentos de sua luz fizeram muitos outros e muitos outros praticantes do ofício de historiador e de historiadora, no estado, mudar de rumo, de direção. Muitos e muitas, a partir dela, tiveram coragem de singrar outros mares, de se lançar em outras águas. A doutora em história social se tornou um nome de destaque nos campos da história cultural e de estudos de gênero. Talvez fazendo jus a seu passado de personagem literária e poética, Teresinha de Jesus, sem deixar de ser uma mulher de crenças religiosas, uma moça direita, abraçou a literatura como um campo de estudos digno para a historiografia. Se a história econômica e quantitativa chegou a arranhar seu coração, não lhe entregava nada e enjoada ela disse: não.

A tese de doutorado, que se tornou seu primeiro livro de muito sucesso, tratava da relação entre os literatos Clodoaldo Freitas e Higino Cunha e o seu tempo de mudanças trazidas pelo regime republicano.¹⁵ Essa nova Teresinha de Jesus foi chegando sorrateira e antes que alguém dissesse não se instalou no coração de seus alunos e alunas, que passaram a amá-la e segui-la. Uma mulher solteira, uma mulher sem marido para lhe dar um nome, que fez seu nome por si mesma. Mulher que fez do estudo dos letrados, daqueles que criaram Academias de Letras, no Piauí e no Maranhão, o ponto de partida para uma trajetória que a levou a ocupar, hoje, a cadeira número 23, da Academia Piauiense de Letras. As vezes que Teresinha caiu, mas não ficou esperando que cavalheiros gentis, com chapéus nas mãos, a viessem levantar, porque sempre soube o preço que as mulheres sempre pagaram por tais gentilezas masculinas. Teresinha tomou o seu destino em suas próprias mãos, não precisando trombetear slogans feministas para demonstrar ser uma mulher emancipada. Sua vida, seus gestos, sua trajetória, seus escritos, suas aulas mostram de forma cabal que o feminismo não é só um conjunto de ideias ou bandeiras, mas um estilo de existência. Ser feminista é subjetivar autoestima e o amor-próprio, é saber reusar as armadilhas do amor romântico e do amor bandido, é ser dona de seu próprio nariz, tanto no cotidiano, quanto quando se faz o gesto de escrever. Num terra patriarcal e machista, em que reina o mito do sertanejo cabra-macho, Teresinha de Jesus deixou os cavalheiros com seus chapéus nas mãos e preferiu ser chamada apenas de mulher.¹⁶

14. Para as noções de linha de fuga, território, simulação, desejo ver: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011.

15. QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. João Pessoa: Editora da UFPB, 1998.

16. Para o feminismo como um estilo de existência ver: hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018 e TILBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

A terceira Teresinha de Jesus que se nos apresenta é aquela formadora de mais de uma centena e meia de novos historiadores e historiadoras, a orientadora que se torna amiga e referência intelectual para seus orientandos e orientandas. Aquela que faz de seus filhos acadêmicos a prole que resolveu não gerar. A professora querida que é convidada para centenas de bancas de defesa de trabalhos acadêmicos. Teresinha de Jesus afirma, através de sua vida, que para deixar na terra uma longa filiação não é preciso se extenuar através de inúmeros partos. Ela, para além de sua competente docência, torna-se uma companheira de vida para vários daquelas e daqueles que deram os primeiros passos na vida acadêmica sob sua orientação. Seus afetos, sua capacidade de amar, não se concentra de forma individual e egóica em uma única pessoa, como prescreve o dispositivo do amor romântico, mas se distribui generosamente com seus colegas e suas colegas de profissão, com seus pupilos e pupilas, com todos e todas que a procuraram em busca de seu abrigo institucional e de seu saber acadêmico. Essa terceira Teresinha de Jesus é aquela que sempre contribuiu, de maneira decisiva, para a afirmação institucional da Universidade onde fez toda a sua carreira. Ela sempre esteve disposta a se doar às ações que contribuíssem para a consolidação do Departamento e do Curso de História, onde sempre foi uma liderança inconteste.

Essa Teresinha de Jesus é também aquela que dá visibilidade, que se constitui em cartão de visitas da historiografia piauiense. Seu nome transcende as fronteiras de um estado que, por tanto tempo, foi menosprezado e visto como atrasado e incapaz de vida pensante. Teresinha de Jesus foi uma das historiadoras que contribuiu para colocar o Piauí no mapa da historiografia brasileira, produzindo uma escrita da história não somente rigorosa e sofisticada, mas a par com as mudanças que o campo foi sofrendo ao longo das últimas quatro décadas. Dando início a sua carreira como uma historiadora econômica, Teresinha de Jesus se deslocou para o campo da história cultural, notadamente para o campo da história intelectual e literária. Escreveu sobre a formação do sistema literário piauiense, do qual é hoje um nome de destaque. Coerente com as mutações sofridas pelas relações de gênero, pelo lugar das mulheres na sociedade brasileira, das quais sua trajetória de vida e intelectual é um testemunho, se interessou pelo impacto do feminismo no campo literário piauiense, como as ideias feministas se tornaram escritos de cunho literário. O estudo da literatura a levou a se interessar pelo campo das linguagens e suas mutações. Sendo uma moça que vivera a efervescência dos anos sessenta, que se formou no contexto da contracultura, da emergência dos jovens como agentes do processo histórico e da juventude como identidade etária, Teresinha de Jesus, em textos de cunho memorialístico, escreveu sobre os modos de falar, as novas expressões inventadas pela geração rebelde dos sessenta. Teresinha de Jesus é um exemplo de como a escrita da história se faz não só a partir do presente, mas a partir das experiências vividas, das memórias guardadas na mente e nas carnes. Em seus textos a historiadora se faz presente com suas vivências e recordações.

Assim como na canção folclórica ou na música buarquiana, vemos, na trajetória da Teresinha de Jesus de Esperantina, se delinear várias corporeidades, várias maneiras de ser e fazer corpo. O corpo da menina tímida do interior, os gestos e comportamentos que remetem a um certo recato da mulher direita que foi ensinada a performar, certa brejeirice de menina burguesa de cidade pequena, permanece como uma camada da corporeidade da mulher ativa, emancipada, dona de si mesma, que foi construindo na cidade grande e na universidade. Uma mulher recatada e pudica convivendo com uma intelectual aberta a abordar todos os temas, a trazer a sexualidade como problema de vida e de pesquisa. Uma carne que se politizou, que se

interessou pelos jogos da política, que escreveu sobre as entranhas da vida pública piauiense, foi sendo remodelada e reconfigurada pelo que lia, pelo que via, pelo que pesquisava. Suas carnes foram modificadas pelo seu contato com os estudos sobre as artes, sobre a ciência, sobre a modernidade, sobre as utopias, que também vivenciou e as incorporou. Escrevendo biografias, delineando perfis biográficos Teresinha de Jesus foi desenhando distintos perfis para si mesma. No contato com outras subjetividades, outros sujeitos, no contato com outras vidas, ela fez aprendizados que conformaram e configuraram a sua própria existência. Sua obra e seu percurso demonstram que não saímos ilesos e ilesas do encontro com o outro, com o diferente. A mulher Teresinha de Jesus, biografando cavalheiros, estudando a trajetória de homens letrados, construiu seu corpo público, de letrada entre letrados, de parceira daqueles escrevinhadores de antanho. Tratando da vida de artistas, de escritores e poetas foi criando para si uma dada estética da existência, onde o humor e o amor não apenas rimam, mas se combinam harmonicamente.¹⁷

A obra de Teresinha de Jesus renovou a chamada história do Piauí, contribuindo para retirá-la da mitificação e do memorialismo. Ao lado de outras historiadoras e outros historiadores de sua geração redimensionou a maneira de se escrever e interpretar a história econômica e política piauiense.¹⁸ Podemos notar, portanto, que, como historiadora, Teresinha de Jesus construiu diferentes *corpus*, distintas personas, produzindo em vários campos do conhecimento histórico, nunca se deixando facilmente rotular e ser jogada em uma gaveta classificatória. Assim como na vida, Teresinha de Jesus, a historiadora, teve o gosto pelo deslocamento, pela viagem, pelo experimentar novos territórios, por se aventurar em terras nunca dantes avistadas. A liberdade, que fez questão de cultivar em sua vida pessoal, também é uma marca de sua vida acadêmica. Se às vezes essa liberdade significou solidão, significou ausência de acompanhamento, a coragem de enfrentar o desconhecido, de se aventurar por caminhos novos, foi recompensada com produção de algo inédito e inovador. Teresinha de Jesus reuniu, em todos os seus trabalhos, a história e a erudição, emulando muitos daqueles letrados que estudou, que cultivaram essa identidade de erudito, muito mais do que a identidade de intelectuais. Teresinha de Jesus, leitora voraz, sempre procurando acompanhar a produção historiográfica, estar a par dos últimos lançamentos, também construiu para si um corpo de erudição, um perfil de mulher devotada aos livros, apaixonada por sua biblioteca. Também se dedicou a escrever sobre a história das cidades de seu estado, praticando aquilo que se costuma nomear de história local.

Uma Teresinha de Jesus polifacetada, muito além dos três aparecimentos ocorridos nas vidas das Teresinhas de Jesus do mundo literário. O ternário não é capaz de conter ou descrever essa mulher que veio do nada e se tornou uma presença marcante no mundo das letras. Podemos dizer que ela, como suas coirmãs, é também um construto literário, ela se fez no cruzamento entre a história e a literatura, entre a vida e as letras. Sabemos, hoje, como ela se chama e entendemos o que ela quer, porque se fez um nome de autora, de professora, de amiga, de cidadã, de acadêmica. Com ela a declinação do nome mulher deixou de ter qualquer sentido de menoridade e subalternidade. Ela foi chegando sorrateira, o quando pensaram que

17. QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998; QUEIROZ, Teresinha. *Conversa com M. Paulo Nunes*. Teresina: Edufpi, 2010.

18. BRANCO, Pedro Castelo e QUEIROZ, Teresinha. *O Piauí oitocentista: economia, política, sociedade e cultura*. Teresina: Cancioneiro, 2023.

não, tinha se instalado como uma posseira dentro dos corações daqueles que se abriram para os afetos, perceptos e conceitos que distribuiu pela vida. Teresinha de Jesus, ao contrário do que esperava seu pai, deu a mão a muita gente, escolheu fazer núpcias com as letras, ela se casou com seu ofício e fez dele a sua casa, o seu lar, a sua morada definitiva. Ela habitou a vida acadêmica, fez dela seu *habitus*, talvez fugindo do hábito de freira que pareceu rondar como um espectro a sua existência.¹⁹ Todas as vezes que em uma queda foi ao chão ergueu-se por si mesma, sacudiu a poeira e deu a volta por cima, não esperando que um homem viesse dar-lhe a mão. Reconheceu a queda e não desanimou, pena de si não precisava, ali onde ela chorou qualquer uma chorava, fez das lágrimas inscrição, das dores e sofrimentos textos, das alegrias e prazeres pretextos para fazer historiografia.²⁰ Sim, ela teve e tem muito prazer em tudo que fez e faz, seus desejos encontraram ao longo da vida distintos objetos, suas pulsões e libido encontraram nas letras o meio de passarem, de simularem territórios, de construírem mundos. Teresinha de Jesus sempre esteve três passos adiante de suas homônimas, nunca pretendeu estar a dois passos do paraíso, mas sempre caminhou na direção de um horizonte que tivesse algum lugar bonito para se viver, para a humanidade viver.²¹ Ela é a encarnação das mutações sofridas pelo feminino em cerca de meio século. Como figura histórica ela é o contraponto em relação as figuras literárias que receberam seu mesmo nome de batismo, mudando, às vezes, apenas uma letra. Teresinha de Jesus Queiróz usou as letras para mudar o destino das Teresinhas de Jesus, mesmo as de Teresina. Ela deu uma bela resposta a pergunta recolocada pela vida e desdita de um poeta piauiense: existirmos, a que será que se destina? Ela se recusou a ser a rosa pequenina e a lágrima cristalina. O destino de menina infeliz nunca a seduziu, ela fez da matéria vida a sua sina.²² Sua vida se destinou a quem ensina, a quem nunca desanima, a quem estima, a quem vai pela vida bailarina. Menina, feminina, fez-se mulher e profissional inquilina de corações e mentes.

19. Para noção de *habitus* ver: BORDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

20. Referências ao samba *Volta por cima* composto por Paulo Vanzolini, gravado por Beth Carvalho, no álbum *Beth Carvalho canta o samba de São Paulo*, Gravadora Galeão, 2013.

21. Referência ao rock *A dois passos do paraíso*, escrito por Evandro Mesquita e Ricardo Barreto, gravado pela Banda Blitz, no álbum *Rádio Atividade*, de 1983, pela gravadora EMI-Odeon.

22. Referências a canção *Cajuína*, composição de Caetano Veloso, fez parte do álbum *Cinema Transcendental*, lançado em 1979, pela gravadora Philips.